

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C764 Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2 /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-898-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.981221802>

1. Ciências humanas. 2. Sociedade. I. Batista, Fabiano
Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**', dividida em dois volumes, reúne textos de autores e autoras nacionais e internacionais que propõem em trazer discussões atuais, críticas e necessárias sobre a importância, bem como as diversas contribuições dos estudos na área das Ciências Humanas para a sociedade.

Assim, ao longo dos 35 artigos podemos vislumbrar uma série de indagações, questionamentos e reflexões, que negam, afirmam e constroem saberes para que possamos entender e ampliar nosso repertório de conhecimento sobre as mais diversas sociedades e culturas.

Ao longo do primeiro volume é exposto um conjunto de textos que tematizam sobre um panorama nacional, enfatizando, sobretudo, as contribuições das Ciências Humanas para compreensão das dinâmicas e interações no Brasil. Assim, as principais abordagens e temáticas deste volume são: questões regionais, política e planejamento, educação e ciência, representações sociais sobre a velhice, agricultura familiar, questões mercadológicas, condições de trabalho, religião, dentre outros temas que exploram, cada qual a sua maneira, a realidade brasileira e as múltiplas relações com as Ciências Humanas.

No segundo volume os textos reunidos discutem sobre as produções das identidades, subjetivações, metodologias e epistemologia das Ciências Humanas, questões sobre a comunidade surda, juventude, suicídio, vida e morte e processos discursivos, se consolidando como uma abordagem multidisciplinar dentro das Ciências Humanas.

Neste sentido, podemos compreender, a partir das leituras, que as contribuições das Ciências Humanas, ao longo dos anos, nos permitem, conhecer nossa história, a história dos outros, entender o homem e a sociedade como um todo. Suas contribuições nos fornecem informações sobre Política, Mercado, Trabalho, Artes, Natureza, Relações Sociais, dentre outras instâncias da vida humana que precisam, cotidianamente, serem perscrutadas, remexidas e revisitadas, pois todas essas informações fazem de nós seres críticos e nos permitem a entender a realidade a nossa volta.

Por fim, esperamos que a coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**' possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre as contribuições das Ciências Humanas para a sociedade, buscando, cada vez mais, uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DOS INDÍGENAS EM MATERIAL DIDÁTICO PUBLICIZADO NO CIBERESPAÇO

Icléia Caires Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218021>

CAPÍTULO 2..... 16

QUESTIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Amilcar Baiardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218022>

CAPÍTULO 3..... 28

LOS CAMINOS EPISTEMOLÓGICOS EN LA OBRA DE PIERRE BOURDIEU: CIENTIFICISMO, REFLEXIVIDAD Y SENTIDO COMÚN

Pedro Robertt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218023>

CAPÍTULO 4..... 41

ETHOS DA IDENTIDADE CULTURAL EM STUART HALL

Marcelo Manoel de Sousa

Saraí Patrícia Schmidt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218024>

CAPÍTULO 5..... 56

SLAM SURDO: POESIA ORAL INCLUSIVA E ENGAJADA EM ESPAÇOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS

Wanderlina Maria de Souza Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218025>

CAPÍTULO 6..... 67

DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA DO SURDO: REFLEXÕES TEÓRICAS SEGUNDO UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Ana Paula Oliveira e Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218026>

CAPÍTULO 7..... 84

PROPOSTA DE UMA METODOLOGIA PSICOSSOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DE DISPUTAS E RIVALIDADES EM CENÁRIOS SOCIAIS

Jair Araújo de Lima

José Jorge de Miranda Neto

Juliane Ramalho dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218027>

CAPÍTULO 8..... 105

PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM JOVENS: A RELEVÂNCIA DA AUTOESTIMA

Hanna Helen Gadelha de Souza Othon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218028>

CAPÍTULO 9..... 110

ENTRE A GLÓRIA E A LOUCURA - A PERSONAGEM FEMININA NA PROSA REGIONALISTA DE *INOCÊNCIA*, *FOGO MORTO* E *LAVOURA ARCAICA*

Rafaella de Aragão Gonçalves Nakayama Borges

Maria Eduarda Stadnick de Medeiros

Rhayane Duarte Rabelo

Luciana de Cassia Camargo Pirani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218029>

CAPÍTULO 10..... 126

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A OBRA O GUARANI EM HQ, DE LUIS GÊ E IVAN JAF

Yasmin Rodrigues Menezes

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180210>

CAPÍTULO 11..... 139

CONCEPÇÕES DE MORTE E MORRER DE DOCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA UERN: A VIDA, VALOR ABSOLUTO

Paulo Sérgio Raposo da Silva

João Bosco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180211>

CAPÍTULO 12..... 149

A ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E TEXTOS ACADÊMICOS: ACIMA DO BEM E DO MAL?

Flávio Luis Freire Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180212>

CAPÍTULO 13..... 159

A APLICAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL COMO METODOLOGIA ATIVA EM PROJETO INTERDISCIPLINAR NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA

Daniela Brugnaro Massari Sanches

Gislaine Aparecida Barana Delbianco

Ricardo Francischetti Jacob

Sérgio Delbianco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180213>

CAPÍTULO 14.....	168
LA REPRODUCCIÓN DE LA ENSEÑANZA DE LA ENFERMERÍA EN GUANAJUATO	
Elia Lona Moctezuma	
Elia Lara Lona	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180214	
CAPÍTULO 15.....	181
O ENSINO DA SOCIOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO	
Natalina Sousa Ferreira	
Karine Beatriz Nascimento da Silveira	
Josinete Pereira Lima	
Eleanor Gomes da Silva Palhano	
Sidclay Santos Furtado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180215	
CAPÍTULO 16.....	192
PRODUCCIÓN DE ESPACIOS DE CONSERVACIÓN	
Amparo Albalat Botana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180216	
CAPÍTULO 17.....	211
DISCURSO E REPRESENTAÇÃO EM “O JARDINEIRO TIMÓTEO”	
Maria Cecília de Lima	
Eliana Dias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180217	
CAPÍTULO 18.....	223
COM QUE ROUPA EU VOU: A FUNÇÃO SOCIAL DA ROUPA ENQUANTO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	
Adelci Silva dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180218	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	236
ÍNDICE REMISSIVO.....	237

CAPÍTULO 1

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DOS INDÍGENAS EM MATERIAL DIDÁTICO PUBLICIZADO NO CIBERESPAÇO

Data de aceite: 01/02/2022

Icléia Caires Moreira

Doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas. Professora das Faculdades integradas de Três Lagoas – FITL-AEMS, membro do NEAD/UEMS – Grupo de estudos em Análise do Discurso da universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Este texto trata-se de uma versão ampliada das reflexões de um artigo publicado nos anais do IV SIAD-Simpósio sobre Análise do Discurso, ocorrido de 14 a 17 de setembro de 2016.

RESUMO: Pautados, transdisciplinarmente, na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1988); no artifício arqueogenealógico foucaultiano (1988, 1997, 2013); e na perspectiva decolonial (CASTRO-GOMES, 2005; MINGNOLO, 2003; MORENO, 2005), somadas às considerações Culturalistas (BHABHA, 2013). Temos o objetivo geral de problematizar os possíveis efeitos de sentido de exclusão do indígena, imergidos do guia didático “Cineastas indígenas para jovens e crianças” publicizado no ciberespaço. Especificamente, pretede-se adentrar nesta rede discursiva, voltada ao ensino fundamental, para observar como se constroem, pela voz do branco, as imagens a respeito indígena e de sua cultura perante a sociedade, a partir das formações

discursivas e interdiscursos constitutivos dos sentidos na história. Resultados obtidos apontam que o material didático, objeto de estudo desta pesquisa, delinea modos de subjetivação dos traços identitário-culturais de seis etnias indígenas, por meio de narrativas, comentários e imagens, subjetivando tais sujeitos como subalternos e (re)legando-lhes ao entrelugar da não pertença no bojo da sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Guia Didático; Subjetividade; Indígena.

ABSTRACT: This work is guided, transdisciplinary, from the perspective of French Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1988); under the archeology and genealogy device studied by Foucault (1997, 2001, 2013); and from the Decolonial perspective (CASTRO-GOMES, 2005; MINGNOLO, 2003; MORENO, 2005), added to Culturalist considerations (BHABHA, 2013). Our overall objective is to problematize the possible sense effects of the indigenous inclusion, immersed in the teaching guide called “Indigenous Filmmakers for youth and children” publicized in the cyberspace. We specifically intend to enter this discursive network, which is dedicated to primary education, to observe how it is built, through the white voice, the images about the indigenous and their culture before the society, from the constitutive discursive and interdiscourse sense formations in history. Results obtained show that the teaching material, the object of study of this research, outlines modes of subjectivation of the cultural-identity traits of six indigenous ethnic groups, through narratives,

comments and images, subjectifying such subjects as subordinates and (re)legating them to the between-place of non-belonging in the heart of contemporary society.

KEYWORDS: Teaching guide; subjectivity; indigenous.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste texto são apresentadas reflexões de uma pesquisa de mestrado, cujo foco centrou-se na problematização dos possíveis efeitos de sentido de in-exclusão do indígena, emergidos do guia didático “Cineastas indígenas para jovens e crianças” (CIPJC), publicado em 2010, e publicizado no ciberespaço. Este material didático foi organizado na forma de um guia e dois DVDs, pelos idealizadores do projeto “Vídeo nas aldeias”, para ser utilizado como instrumento didático-pedagógico em escolas de ensino fundamental regular. O aparato encontra-se disponibilizado para *download* no ciberespaço, via site da Ong (Organização não governamental) que leva o mesmo nome do projeto.

Especificamente, pretendemos adentrar nesta rede discursiva, voltada ao ensino público fundamental, para desvelar as imagens construídas a respeito indígena e de sua cultura perante a sociedade, a partir das formações discursivas e interdiscursos constitutivos dos sentidos na história. Além de observar como o poder espalha-se nesta trama por meio de estratégias dispersas e discretas, quase imperceptíveis, mas que são extremamente fecundas, em face da construção de uma representação marginalizada e subalterna do outro que é falado pela voz dos que fazem parte da hegemonia.

Como o Discurso configura-se sob três aspectos, é produtor/(re)produtor de conhecimentos e crenças via diferentes modos de representação; capaz de estabelecer relações sociais e cria, (re)força ou (re)constitui identidades, esta pesquisa pretende refletir como ele pode privilegiar certos sujeitos em detrimento de outros, por meio de acontecimentos discursivos situados em determinados momentos históricos, que se cristalizam pela ação da memória e latejam interdiscursivamente no dito (MARTINS, 2005).

Nesse ínterim, mobilizamos a hipótese de que a representação identitário-cultural do indígena, nesse arquivo eleito para análise, ocorre via discurso do branco, como um processo de subjetivação/identificação a respeito do sujeito indígena mediante o uso das novas tecnologias e se dá de forma in-excludente, o que ocasiona o reforço da subalternização das populações originárias.

Esta mobilização acadêmica, trata-se de uma tentativa de capturar na materialidade linguística traços de identificação que possibilitem compreender como se constituem na/pela linguagem didática as representações das identidades dos indígenas de seis etnias diferentes, a saber: Wajãpi, Ashaninka, Kisêdjê, Ikpeng, Panará e Mbya-Guarani. A ideia é rastrear como se estabelecem os estereótipos do que é ser indígena para cenário educacional brasileiro, hoje, quando emerge, cada vez mais, livros didáticos e paradidáticos subsidiados pelo aparato legal (lei n. 11.645/08), vinculados à tecnologias da informação e

cuja publicização proporciona uma veiculação de maior alcance do que é ser pertencente às culturas originárias que fazem parte do Estado-nação brasileiro.

Amparados, transdisciplinarmente, pela corrente teórica da Análise do Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1988); no artifício metodológico foucaultiano arqueogenalógico (1988, 1997, 2013); e na perspectiva Decolonial (CASTRO-GÔMES, 2005; MIGNOLO, 2003; MORENO, 2005) e apontamentos Culturalistas (BHABHA, 2013), pretende-se contribuir para desmitificação das representações cristalizadas dos sujeitos indígenas, sobretudo, no que se refere a ideia de “Bom Selvagem”, advinda do ideário colonial de 1500 anos atrás, que permeiam e emergem do material em análise, expondo sua não transparência, mas a opacidade do dizer, enlaçada na história e na memória, geradora de uma vastidão de sentidos que latentes emergentes da/na construção das posições dos sujeito e suas coletividades, bem como do/no processo de transformação da(s) vida(s) e da(s) cultura(s) do(s) outro(s) em formas de saber, perpassadas de poder.

A escolha desta temática justifica-se pelo ineditismo do gesto de interpretação, por tratar-se de assunto de relevância social, na atualidade, que ainda se encontra em escassez de produção científica, no que concerne aos processos de subjetivação do sujeito indígena no discurso didático vigente e circulante na sociedade hegemônica. Deste modo, considerar a investigação discursiva dos itens lexicais utilizados no discurso didático colabora, de forma significativa, para deslocarmos determinadas visões consideradas como verdades irrefutáveis que legitimam preconceitos e relegam determinados sujeitos a posições marginais no bojo da sociedade.

Resultados obtidos apontam que o material didático, objeto de estudo desta pesquisa, delinea modos de subjetivação dos traços identitário-culturais de seis etnias indígenas, por meio de narrativas, comentários e imagens, subjetivando tais sujeitos como subalternos e (re)legando-lhes ao entre-lugar da não pertença no bojo da sociedade contemporânea.

2 | MATERIAL DIDÁTICO, TEMÁTICA INDÍGENA E SUAS (INTER)RELAÇÕES

São muitos os pontos de vista pelos quais a questão do livro/guia didático pode ser analisada. Aspectos metodológicos, linguísticos e ideológicos têm atraído à atenção de incontáveis trabalhos desenvolvidos nas últimas décadas. Nosso olhar e atenção, entretanto, centram-se, especificamente, em analisar como são construídas as imagens a respeito dos indígenas e de suas culturas perante a sociedade, a partir das formações discursivas e interdiscursos constitutivos dos sentidos na conjuntura histórica brasileira, nesses materiais disponibilizados ao trabalho pedagógico e usados como instrumentos de inclusão étnico-cultural desses povos dentro do cenário educacional.

É sabido que por força da lei 11.645, promulgada em 10 de março de 2008, fica instituído no currículo oficial escolar o estudo das histórias e culturas indígenas. Esse tipo de iniciativa trata-se de uma ampliação e cumprimento da participação do Brasil no

cenário internacional, cuja pressão recai para a criação de leis de apoio à diversidade. A partir delas, a vida dos sujeitos na sociedade passa pela esfera da administração, tem aí o processo de subjetivação controlada, contida (DIAS, 2010).

Nesse limiar, o Estado passa, então, a (in)(en)formar os sujeitos, tanto os que são transformados em forma de saber quanto os que estão em fase de escolarização básica. Aqueles que são considerados à margem são introduzidos à dinâmica social, por meio das políticas públicas de inclusão. Uma vez “integrado” ao sistema socioeconômico cria-se a impressão de reconhecimento e valorização dado pela lei de amparo a diversidade cultural. Isso permite ao Estado, como ente que rege e organiza a vida da população em um dado território, criar uma representação de si como remediador das diferenças historicamente construídas e promotor de ações afirmativas de inclusão. Situação que o aloca em uma posição de produtividade e positividade perante a pauta internacional arregimentada pela ONU (Organização das Nações Unidas)

Em consonância com esse quadro surgem iniciativas de produção a aparatos didáticos que são viabilizadores do cumprimento lei 11.645/08, dentro do sistema educacional brasileiro. Sob esta possibilidade de produção didático-pedagógica, Ongs e projetos sociais mobilizam-se para criar artefatos didáticos que colaborem com o trabalho pedagógico e permitam colocar em prática os ditames legais, sob o patrocínio das instâncias Estatais nacionais e internacionais.

Assim, surge, no ano 2010, o CIPJC, aparato didático organizado na forma de um guia e dois DVDs, criado pelo projeto “Vídeo nas aldeias”, patrocinado pela Unesco, organizado para ser distribuídos em escolas de ensino fundamental regular e disponibilizado para *download* no ciberespaço, em dois formatos (PDF e cópia virtual interativa) por meio do site da Ong Vídeo nas aldeias, que também é conhecida pela sigla (VNA).

Esse processo de publicização do material no ciberespaço converge para uma ação de inclusão ainda mais ampliada, uma vez que proporciona a universalização do conteúdo por meio do acesso à rede mundial de computadores de modo global. Observa-se aí que o guia tem por objetivo a produção de uma identidade integrativa para os indígenas capaz de se expandir para além dos limites escolares e ser acessada por pessoas que desejem aprender sobre as culturas e povos originários de nosso território.

Conforme Pierre Lèvy (1993, p. 92) o ciberespaço define-se como um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e suas memórias. Deslocando-o para o cenário reflexivo da AD de linha francesa, podemos compreendê-lo como um novo campo discursivo em que se realizam trocas simbólicas de todas as ordens entre sujeitos. É um novo suporte de representações que subjetiva a constituição identitária e organização/disponibilização do dito em rede. Um universo oceânico de informações abrigadas, onde os sujeitos “navegam e alimentam-se desse universo” (LÈVY, 2009).

Segundo Lèvy (1993), ao redor dos equipamentos coletivos da percepção, do pensamento e da comunicação é que se organiza em grande parte a vida da sociedade.

No cotidiano, é que se agenciam as subjetividades dos grupos e emergem os efeitos de sentido que circulam dando forma às possibilidades de ser trama simbólica da linguagem (ORLANDI, 2007). As instituições e máquinas informacionais estão entrelaçadas no íntimo do sujeito. A progressão multiforme das tecnologias da mente e das metas de comunicação podem ser interpretadas como um processo metafísico molecular, redistribuindo incessantemente as relações entre sujeitos individuais, objetos e coletivos.

Esse suporte ocupa hoje um espaço de destaque na formação da esfera pública e deveria ser compreendido como uma base em que se possa criticar, romper com determinismos propostos pelos discursos hegemônicos, contudo, de acordo com as informações nele disponibilizadas, pode também vir a transformar-se em um lugar de reforço da ideologia dominante, da exclusão das minorias (MELO, 2003) e estereotipação dos sujeitos. Sob esta égide, articulamos com Foucault (2013) que poder e sua teia de relações, conformadoras de uma rede, pode ser altamente produtivo para o que é positivo ou negativo, depende dos feixes de interesses a que se vinculam, consciente ou inconscientemente.

Com efeito, entendemos que a produção do guia didático é um meio em que sujeitos inscrevem-se via língua(gem), deixam sua marca no discurso vigente. No momento em que o discurso ocorre, em sua enunciação, há a atualização do já-dito, causando novos efeitos de sentido, todavia, esse processo parte daquilo que já circula, interdiscursivamente, a respeito da temática indígena. Isto é, ainda é possível notar nas materialidades didáticas a reiteração, via papel da memória discursiva, da visão do indígena como um sujeito ligado à natureza, de corpo pintado permeado de adornos e plumagens que vive em ambiente isolado e pouco civilizado que aprende por intermédio do branco a lidar com artefatos tecnológicos para contar a história de sua gente e seus costumes.

A obra eleita, por exemplo, tenta dar um caráter contemporâneo ao tema, ao trazer 5 etnias alocadas em pontos estratégicos do Brasil (de Norte a Sul), mas se perde na reiteração da ideia de “descoberta” e do “bom selvagem” a quem o branco “precisa” civilizar. Deixa em silêncio (ORLANDI, 2007) a quantidade de deslocamentos transculturais (RAMA, 2008) que permitiram aos indígenas ocuparem os espaços urbanos, estudar, trabalhar, ter profissões hegemônicas, junto a prática de suas culturas originárias, sob um ato de resistência para entender os processos pelos quais elas precisariam passar para manterem-se vivas, não serem engolidas pelo desejo de dizimação e integração do colonizador.

3 | ALINHAVANDO OS FIOS TEÓRICOS

Ao investigar as tramas desse aparelho discursivo, fazem-se necessárias algumas linhas, de modo transdisciplinar, a respeito da Análise do discurso (AD), conhecimento que sonda os possíveis efeitos de sentido das materialidades formuladas e postas em circulação na sociedade, dos escritos de Michel Foucault, no que concerne a objetivação e

a subjetivação dos indivíduos, processos complementares que se relacionam por meio de jogos de verdade. Somadas às considerações da visada Decolonial que tem contribuído para deslocamento e reflexão sobre os povos latino-americanos, bem como a ideia de entre-lugar que o Culturalismo traz à baila para tratarmos do lócus de marginalidade e exclusão que se estabelecem dentro do discurso moderno colonial que se perpetua na contemporaneidade, a partir de novos suportes e novas ocasiões de assimetria cultural entre os sujeitos.

O alinhavo de tais fios teóricos, é que permite a essa pesquisa significar em seu próprio contexto geostórico (MIGNOLO, 2003) e cultural com seus sujeitos em constante trânsito, celebrações móveis de suas identidades, formadas e (trans)formadas continuamente pelas formas que são representados ou interpelados nos sistemas culturais em que se inserem (HALL, 2006). Além disso, a caracterização sócio-histórica a respeito das condições de produção que correspondem ao contexto do recorte que compõem o *corpus* em análise possibilita-nos pensar a subjetividade, descortinar como a língua sucede no homem e se estrutura no acontecimento do discurso (ORLANDI, 2012). De maneira, a significar de modos específicos vinculados a interesses que vão além da superfície das questões sociais e que incidem, diretamente, na vida das pessoas.

A problematização da questão da identidade das etnias trabalhadas pelo material institui-se por meio do ato de des-confiar do dito dessas propostas que desejam tornarem-se elementos constitutivos do processo educacional brasileiro quanto à implementação de ações ligadas a diversidade cultural. Como todo material didático nada mais é do que um modo de subjetivação dos sujeitos (FOUCAULT, 1997). É desse fulcro reflexivo que insurge a preocupação em compreender e ponderar sobre as questões: como os indígenas têm sido representados pelo discurso que emerge deste livro didático? Em que medida essa representação interfere em seus movimentos identitários? Como o branco significa essa forma de saber?

Nesse ínterim, podemos observar, pelo viés da AD francesa, que a linguagem é possuidora de uma relação com a exterioridade, com as condições de produção do discurso que intervém na textualidade como uma memória do dizer que abrange o universo do que é dito. Articulando com as palavras de Orlandi (2007), o trabalho com visada discursiva vem para que descubramos o que faz do homem um ser especial, possuidor da capacidade de significar o mundo que o cerca e significar-se, atributo que permite tanto sua permanência quanto a continuidade, os seus deslocamentos e suas transformações diante da realidade em que vive, considerando a produção de sentidos entre os interlocutores.

Reflexões abalizadas pelo método arqueogenealógico foucaultiano de análise apontam que essa rede de sentidos que se operacionaliza em conjunto com a escola, enquanto espaço institucional vinculada ao Estado, acaba por formatar e normalizar identidades, via estratégias de saber-poder, que buscam cristalizar determinadas representações dos sujeitos na sociedade. Tratar de pautas como essa é escavar para responder à pergunta

de Michel Foucault (1967, p. 636): “Quem somos nós hoje?”, uma questão que pulula, não apenas a mente do autor, na época em que viveu, mas está em todos nós.

Ao tratar sobre os conceitos de subjetividade, Foucault (1996) assevera sua condição de imanência com os conceitos de poder e saber. As relações de poder-saber direcionam a construção das identidades por meio dos processos de subjetivação. As representações são delineadas conforme as formações discursivas latentes no já dito imbuídas de saber-poder. Para este autor, as relações de poder não são binárias, são móveis, trocam de mãos, introduzem na sociedade clivagens que se deslocam. É nesse campo tenso das correlações de forças, de exercício de poder e de resistência, em rede, que o analista encontra espaço para problematizar identidades e formas de significar a vida.

É possível observar que o guia didático se estabelece como uma materialidade que funciona como um instrumento de consolidação identitária dos indígenas, uma estratégia de produção de verdades (FOUCAULT, 2005) sobre as culturas dos povos originários, seus costumes e traços culturais que estão imbrincados a questões políticas e de interesse de capitalista. Os efeitos de sentido do discurso didático, nesse limiar, dão forma e movência ao poder e à resistência, pode ajudar a criar equidade ou promover mais subalternização. O Guia configura-se, então, como uma prática discursiva relacionada a outras práticas, seja por conta da necessidade da articulação entre saber e poder ou em decorrência de resistências heterogêneas constituídas no jogo estratégico e polêmico da formação social (GREGOLIN, 2004).

Segundo Coracini (2010), a subjetividade é agenciada pelas formas de poder, garantidoras de uma certa submissão e da ilusão da homogeneidade, assegurada pelo respeito as regras, fator facilitador do controle. Numa sociedade como a nossa, somos assediados o tempo todo a construirmos necessidades e estereótipos, somos impelidos a criar e a nos enquadrarmos em padrões. Nesse aspecto, vê-se como a tecnologia unida ao processo discursivo, sob o véu do interesse comum, tem contribuído para propagação e construção da identidade dos sujeitos e suas etnias. Ao projetar uma forma de saber sobre determinados sujeitos, se cria um padrão do que eles são, isso pode tanto ajudar quanto prejudicar a caminhada decolonial que os povos indígenas empreendem, em suas mobilizações, para obter o respeito e os direitos de que necessitam dentro da sociedade.

Trazer à baila a noção subjetivação/representação indígena aliada à noção de discurso, como efeito de sentido, contribui para desmitificar as representações cristalizadas dos sujeitos indígenas, para a desconstrução dos estereótipos, de maneira a promover o combate ao preconceito étnico que temos hoje, reflexo do nosso passado de perseguição e dizimação das culturas autóctones. É refletir que o sujeito se trata de uma construção social, discursiva que está sempre em transformação, reinventando-se e reinscrevendo-se na história (CORACINI, 2007). Trata-se de uma ação acadêmica, viabilizada por estudos dos processos simbólicos de significação, pautada na justiça social e na necessidade de equidade.

Ao considerarmos a historicidade da materialidade linguística, os processos de subjetivação que ocasionam os efeitos de sentidos, passamos a compreender a exclusão identitária do sujeito indígena. A fim de suscitar, de forma problematizadora, movimentos desestabilizadores das relações de saber-poder institucionais que relegaram a esses povos o entre-lugar da marginalização.

E assim poderemos observar processos de permanência, continuidade, deslocamento e transformação dos sujeitos contribuindo para (re)avaliação de sua representação para o cenário educacional, responsável pela formação de outros sujeitos. Nesse sentido, recobrar a “ilusão” de pertencimento é importantíssimo para a construção identitária dos povos originários. Haja vista que o indígena se encontra, desde o período colonial, em processo de silenciamento (ORLANDI, 2007), situado em um entre-lugar (BHABHA, 2013), hóspede em seu próprio território (DERRIDA, 2003).

É preciso promover reflexões sobre efeitos coercitivos das práticas discursivas e das práticas institucionais, que funcionam em uma dinâmica circular em que a mecânica do poder reclama os efeitos de verdades que conduzem a representação dos sujeitos. Em consonância com o pensamento de Pêcheux (1988) podemos dizer que as palavras, expressões e proposições mudam de sentido, conforme as posições sustentadas por aqueles que as empregam.

A partir desse quadro, propor a reflexão sobre construção da identidade do indígena mobilizada em material didático, disponibilizado no ciberespaço, e distribuído em escolas de ensino público, faz-se necessária como contribuição para o aprimoramento da compreensão do lugar que lhe é concedido no cenário nacional; que traços se delineiam para constituí-lo como sujeito na produção de discursos articulados nesse material. Importa rastrear como foi editada essa versão da história, para saber se defende a preservação das expressões culturais desses povos, constituídas na história, ou se trabalha na contramão de seu intento, causando mais exclusão.

Afinal, emergência dos discursos sobre as minorias, nas últimas décadas, são respostas, às políticas de ação afirmativa, de reparação, de ampliação de mecanismos participativos, de tentativas valorização da pluralidade cultural. No entanto, elas têm desvelado em sua materialidade rastros e pistas de uma sociedade ainda formatada nos moldes coloniais. Isso tem construído a representação das comunidades originárias como coletividades inferiorizadas, relegadas ao lado de lá da fronteira, por meio do processo de produção escriturária (CASTRO-GOMES, 2005), marcado pelo controle mantenedor de assimetrias injustas, alimentando, continuamente, os processos culturais-ideológicos, de subordinação entre periferias e centros nas múltiplas dimensões sociais.

4 | UM GESTO INTERPRETATIVO

Como o sujeito é uma fabricação realizada historicamente, via linguagem, ou por

práticas discursivas (GREGOLIN, 2004), é possível notar que os modos de subjetivação, tanto de indivíduos, quanto de coletividades ocorrem em um contexto de uma formação social específica. Nesse sentido, a representação do sujeito indígena (re)produz e é (re) produzida, microcapilarmente, por estratégias mobilizadas pelos discursos que ecoam na sociedade. Os efeitos de poder circulam entre os enunciados permeando-os, isso produz coisas, induz ao prazer, formas saber, produz discursos modifica-os ou constrói verdades que não de se cristalizar ao longo do tempo (Foucault, 1997).

Na esteira de tais reflexões, trazemos o recorte discursivo, intitulado R2, extraído do guia didático “Cineastas indígenas para jovens e crianças”, mais especificamente, do item “vídeos nas aldeias”, página 14, que traz em seu bojo a marginalização dos povos indígenas, cujas pistas materializadas, linguística e historicamente, podem alargar nossa compreensão a respeito do guia em questão e os efeitos de sentidos suscitados pelas palavras que o compõem. Vejamos:

R1: Esse **guia** foi o jeito que **a gente** encontrou de **fazer chegar até** a sua escola filmes e narrativas feitos por alguns grupos indígenas, pra **poder mostrar** pra vocês um pouco **desses mundos tão distantes da gente**. Um convite **à viagem** e **à descoberta**. (*Grifos nossos - Vídeos nas aldeias*, 2010, p.14)

Em decorrência da porosidade das palavras (ALTHIER-REVUZ, 1998) expressas no recorte, tais como: “guia”, “a gente”, “fazer chegar”, “até”, “poder mostrar”, “mundos tão distantes”, “viagem”, “à descoberta”, via gesto interpretativo, analisa-se o que emergem da materialidade linguística: efeitos de sentido que (d)enunciam a exclusão e o estabelecimento de fronteiras culturais entre indígenas e brancos.

Ecoam nos processos enunciativos, as formações discursivas: educacional e colonial. A primeira é desvelada, inicialmente, por meio do item lexical “guia”, que de acordo com Ferreira (2009, p. 444), “é o ato ou efeito de guiar”, seguido das demais significações: “pessoa que guia as outras, pessoa que acompanha turistas, viajantes, livro de instruções, publicação para orientar visitantes de uma determinada região ou cidade”.

A partir disso, nos chama atenção que o sujeito-enunciador branco, ao valer-se deste substantivo masculino, “guia”, possibilita que irrompa da materialidade linguística efeito de sentido de direcionamento da construção da representação identitária dos indígenas no cenário escolar. Dessa maneira, o guia, enquanto dispositivo didático pode vir a funcionar como um mecanismo/dispositivo (FOUCAULT, 1997) norteador dos alunos em relação ao que pode ou deve ser dito sobre as etnias e culturas indígenas brasileiras. Ele se coloca como uma ferramenta, uma espécie de bússola, que há de levar o aluno branco ao lugar em que encontrará a representação do que é ser indígena e viver em uma cultura etnicamente estabelecida.

Ao utilizar o termo “viagem”, substantivo feminino que significa, conforme Ferreira (2009, p. 815), ato de ir a outro lugar mais ou menos afastado e a expressão “à descoberta”,

formada pelo item lexical acompanhado do a craseado, que significa “coisa que se descobriu, terra achada” (2009, p. 299), problematizamos que há no fio intradiscursivo uma tentativa de condução, por parte do enunciador, de levar o aluno a atrelar a representação do indígena do presente à representação do indígena do período expansionista, à era colonial. A partir desse fato de linguagem, ocorre o que Orlandi (2008) chama de sobreposição do discurso colonial, em que processos discursivos vão provendo os indígenas de uma definição que faz parte do imaginário da sociedade brasileira. Essa mobilização faz com que o aluno, no processo de leitura, ressignifique o indígena de hoje com o olhar enviesado pelo indígena de 1500, de maneira a interpretá-lo como alguém não civilizado, exótico, a ser também “descoberto”, pelos “desbravadores” da sociedade atual, os novos entes coloniais, em uma continuidade do processo que nos levou a ter uma história de discriminação, pela assimetria estabelecida.

Em seguida é mobilizado o sintagma nominal “a gente”, empregado como um pronome pessoal de primeira pessoa do plural, “nós”, estabelecendo de um processo de aproximação e pertencimento, por meio de linguagem informal, por parte do sujeito enunciador, em relação ao sujeito-leitor infante-juvenil e a cultura branca.

Essa mobilização lexical acaba por estabelecer uma fronteira entre a sociedade branca hegemônica e as sociedades indígenas. Isso acontece porque os organizadores e os alunos são “a gente” e as sociedades originárias transformadas em formas de saber são referenciadas no recorte pelo enunciador como “mundos tão distantes”, isto é, os outros, que tiveram de se fazer conhecidos, via produção de um dispositivo didático-pedagógico. Há, aqui, uma forma de controle do dito sobre os indígenas, implementado pelo princípio regulador daquele que detém o poder de produzir este artefato (Foucault, 2013) e garantir o cumprimento da lei 11.645/08 instituidora no currículo oficial escolar, a partir do material que vai ajudar no estudo das histórias e culturas indígenas.

A utilização do advérbio de intensidade “tão”, ligado ao substantivo “distantes”, faz emergir o efeito de sentido de reforço do caráter de distanciamento. Segundo Bhabha (2013), limites etnocêntricos vão se firmando dando origem a fronteiras enunciativas que silenciam uma gama de outras vozes e histórias dos colonizados e grupos minoritários. Seguindo este raciocínio, dizer que os povos originários e suas culturas são “mundos tão distantes”, dá vazão ao efeito de sentido que não são da esfera do aluno branco, também não são da esfera dos organizadores, eles são como estranhos no ninho, aqueles que habitam lugares outros que precisam ser desbravados para que se possa conhecê-los. Nega-se a brasilidade dos povos indígenas, são de outra terra, não da que os organizadores e alunos se sentem pertencidos, há fronteiras territoriais, culturais e existenciais entre eles e os povos indígenas a serem estudados.

Nessa esteira, o enunciador utiliza construções verbais no infinitivo “fazer chegar” e “poder mostrar”, instituidoras de necessidade, obrigatoriedade, chamadas por Neves (2010), de modalizadores deônticos, vinculados à preposição “até”, que segundo a autora

estabelece a relação semântica de circunstanciação de lugar a que se chega, em um processo de movimento que remete ao efeito de sentido de que as informações sobre o indígena não chegavam ao cenário escolar. Isto é, foi preciso a criação de um material de teor didático-pedagógico sobre esses sujeitos/culturas e sua implementação para que o branco conhecesse os traços constitutivos das culturas indígenas existentes no país.

Esse movimento de demonstrar que articulou ações para que tudo se estabeleça e estas duas pontas de existências “distantes” uma da outra se encontrassem, dá ao enunciador, representante de um grupo organizador, que encontrou uma forma de fazê-lo, por meio do material produzido, uma posição heroica, salvacionista das culturas indígenas e da educação dos brancos em formação, no que se refere à diversidade.

É possível ver, por meio da materialidade, que ocorre um de um processo de estereotipação dos traços identitário-culturais dos indígenas, via discurso do branco, tal dispositivo didático, acaba por formatar, direcionar e construir identidades. Relega ao sujeito indígena uma posição de não pertencimento à nação brasileira, porque habita “mundos tão distantes da gente”. Dessa maneira, observa-se que há um reforço de uma visão equivocada sobre os indígenas e de suas culturas, vozes que ecoam no já-dito da sociedade, que alimentam uma formação ideológica que o deslegitimam como sujeitos e como brasileiros. Ocorre o que Moreno (2005) diz: “o discurso da exclusão se pronuncia do lugar dos incluídos”, fazendo com que o sujeito contemplado pela ação afirmativa, subjetivado e objetivado pelas mobilizações dela decorrentes, continue a ocupar o entre-lugar da exclusão (BHABHA, 2013).

Tendo em vista que o poder é altamente capaz de criar e produzir identidades, conforme os interesses de quem o exerce (Foucault, 1997). Problematicamos que as estratégias pedagógicas, que perpassam os discursos que circulam e constituem esse dispositivo, não podem ser naturalizadas, uma vez que os conceitos articulados resultam de um conjunto de práticas discursivas estabelecidas socialmente, a partir de relações de poder que possibilitam atribuir aos indígenas significações ligadas à exclusão.

São séculos de menosprezo e inferiorização dos povos originários por parte da cultura branca (MARTINS, 2005) que perpassam o interdiscurso e acabam por produzir identidades marcadas pelo preconceito, pela vulnerabilidade, aliada a uma política de inclusão que funciona às avessas, processo pelo qual se constrói a subjetividade do sujeito-indígena como sujeitos que vivem à margem.

O fato destas 6 etnias indígenas participarem de iniciativas como a criação de um dispositivo didático vinculado às novas tecnologias para ser distribuído nas escolas de Ensino fundamental e publicizado no ciberespaço, local de veiculação de informações (LÈVY, 1993), justifica-se pelo que se pode chamar, segundo Limberti (2008), de instinto de sobrevivência é preciso aceitar alguns novos hábitos da cultura hegemônica, para não sucumbir. Para que se permaneça é preciso que algo mude. Mas também tema ver com a implementação dos preceitos da OIT 169, cujo texto prescreve que todo artefato

didático a ser produzido necessita da participação e concordata dos indígenas que serão transformados em forma de saber.

Assim, meio de um discurso pedagógico dito de (in)clusão o enunciador utiliza-se do material didático como um instrumento de favorecimento da discriminação e a exclusão do indígena. Delimita-se uma fronteira entre o que é ser indígena e o que é ser branco, esferas distantes uma da outra. Emerge, discursivamente, a representação dos indígenas como os outros, sujeitos que habitam outra esfera social. A identidade do indígena, sua denominação como tal é construída por oposição ao contato com a identidade do branco, todas as questões diferenciadoras que emergem parte do contato entre as culturas (LIMBERTI, 2008). Mas elas não precisam se manter assimétricas, visto que somos um país miscigenado, pluridiverso.

Tratam-se de sujeitos que fazem parte da sociedade brasileira, por isso suas histórias e culturas merecem ser contadas. Contudo, isso continua a ocorrer pela voz do branco, uma espécie de estratégia de controle, para não fuja daquilo que o discurso hegemônico quer que os indígenas representem no bojo social. Essa conjuntura promove, desta maneira, a manutenção de tais sujeitos no entre-lugar da in-exclusão. São reduzidos a “argumentos” da retórica colonial, fala-se do indígena para que não signifiquem fora de certos sentidos necessários à construção de uma identidade brasileira em que tais sujeitos são des-considerados.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do gesto analítico compreendido em face dos objetivos e hipótese eleitos para este artigo, é permitido asseverar que é preciso questionar as posições. Afinal, o processo de subjetivação/objetivação que a língua constrói na direção de pessoas e culturas não se completa nunca, está sempre se transformando ao longo da vida dos sujeitos (CORACINI, 2007). O sujeito se apresenta como uma categoria que se sustenta em um deslizar *ad infinitum* que torna os processos identificatórios algo sempre porvir. Espera-se que este futuro desconstrua as amarras que existiram no passado, ou que se estabelecem no presente, não que as ressignifique e as mantenha perante quadrante de discriminações e preconceitos, dos quais não precisamos mais.

Há de se ter cuidado com as informações veiculadas pelos materiais instituídos pelo cenário educacional e pela sociedade como uma verdade desinteressada e “neutra” que acaba por conduzir a concepção ilusória, ficcional de identidades fixas, estáveis dos sujeitos, via discurso, escamoteando a versatilidade, dinamicidade e mobilidade da identidade (HALL, 2006). Afinal, conforme Foucault (2002) toda verdade nada mais é que uma construção histórica que permeia e perpassa o âmbito social, em dado momento histórico.

Nesse limiar, a palavra escrita é a ferramenta simbólica que funciona construtora de

identidades nacionais, leis, é planejadora de programas modernizadores, é organizadora da compreensão do mundo em termos de inclusões e exclusões, é o meio pelo qual existimos e significamos. Os projetos fundacionais das nações implementam-se mediante instituições legitimadas pela letra (escolas, hospitais, prisões) e de discurso hegemônicos (mapas, gramáticas, constituições, manuais) aparatos regulamentadores de condutas e estabelecadores de fronteiras entre os sujeitos que transmitem a certeza de haver um dentro ou fora dos limites definidos por essa legalidade escriturária (CASTRO-GOMES, 2005).

É por isso que se faz necessário ponderar que nos construímos como sujeitos, via fronteiras incapturáveis, ainda que vivamos a tentar fixar algumas formas de ser. Por fim, da posição sujeito de analista, fica o desejo que este gesto analítico-reflexivo possa desestabilizar o pensamento de muitos e incitar mudanças e incentivem a transformação das práticas sociais que diluam, paulatinamente, a impressão de transparência dos discursos e assim possamos nos despojar e emanciparmo-nos dos preconceitos que permeiam o espaço de (con)vivência do homem. Mais que tolerar precisamos, em processo de mutualidade, acolher a diferença que nos torna humanamente singulares. Lutemos pela equidade!

REFERÊNCIAS

CASTRO-GOMES, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Colección Sur Sur, Clacso, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro de 2005. p.169-186.

CORACINI, M. J. (org). **O jogo discursivo na aula de leitura.** Língua Materna e Língua Estrangeira. Campinas, São Paulo: Pontes, 2010.

_____. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade:** línguas (materna e estrangeira). Plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE, A. **Da hospitalidade.** Trad. de Antônio Romane; revisão técnica de Paulo Ottoni, São Paulo: Escuta, 2003.

DIAS, Cristiane. Telecentros como políticas públicas de inclusão digital: da administração da vida na cidade. In: ORLANDI, E. (Org). **Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso.** Campinas: Editora RG, 2010.

FOUCAULT, M. **Che cos'è Lei Professor Foucault.** Conversazione con Michel Foucault. La Fiera Letteraria, nº 39, 28 set. 1967. Entrevista conduzida por P. Caruso.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad. Roberto C. de M. Machado; Eduardo J. Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

_____. **Ética, Sexualidade e Política**. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 218-224.

_____. **A ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio, 23 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GREGOLIN, M. do R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LÈVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Trad. Carlos I. da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

LIMBERTI, R. P. A identidade em situação de contato intercultural. **Revista Raído**, Dourados (MS), vol 2, n.4, jul/dez 2008, p. 9-19.

_____. **A imagem do índio: discursos e representações**. Dourados: Editora UFGD, 2012.

MARTINS DE SOUZA, L. C.; Alii, *et al.* O Norte Apagado: algumas formas de materialização discursiva do silenciamento do indígena e do caboclo da Amazônia brasileira. In: II Seminário de Análise de Discurso, 2005, porto alegre. **Revista do IEEE América Latina**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. V. 2.

MELO, P. B. O índio na mídia: discurso e representação social. **III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais - Relações entre Práticas e Representações**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 2375-2389, 2003.

MIGNOLO, W. **Histórias locais/ projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MORENO, A. **Superar a exclusão, conquistar a equidade: reformas, políticas e capacidades no âmbito social**. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Coléccion Sur Sur, Clacso, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro de 2005. p.88-94.

NEVES, M. H. **Gramáticas de usos do Português**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6 ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 11 ed. Campinas: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

RAMA, A. **Transculturación narrativa em América Latina**. 2 ed. Buenos Aires: El Andariego, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações literárias 126, 131

Adolescência 105, 106, 107, 108, 109

Análise do discurso 1, 3, 5, 14, 54, 55, 67, 68, 70, 71, 85, 96

Autoestima 105, 106, 107, 108, 109, 232

B

Bourdieu 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 168, 172, 173, 175, 177, 179

C

Ciências da religião 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148

D

Descentramento 41, 42, 43, 46, 47, 48

E

Ensino Religioso 139, 140, 144, 146

Epistemologia 16, 17, 18, 20, 26, 40

F

Fenomenologia 67, 68, 70

Formação do leitor 126, 128, 137

G

Gênero feminino 111

Guia didático 1, 2, 3, 5, 7, 9

H

História em quadrinhos 126, 128, 131

Humanidades 16, 17, 20, 145, 146

I

Identidade cultural 41, 49, 50, 53, 54, 74

Indígena 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 68, 114, 208

Indivíduo cartesiano 41, 47, 54

L

Língua de sinais 59, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81

Literário-político 56

Literatura 60, 63, 64, 65, 111, 112, 113, 117, 124, 130, 137, 138, 151, 179, 211, 219

M

Metodologia 16, 17, 19, 20, 21, 26, 27, 39, 62, 67, 69, 84, 85, 91, 95, 96, 99, 106, 141, 159, 161, 166, 191

Morte 42, 43, 71, 74, 106, 120, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

P

Pesquisa 1, 2, 3, 6, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 39, 40, 54, 59, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 96, 97, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 126, 128, 139, 141, 148, 152, 167, 181, 182, 186, 188, 190, 223, 235, 236

Pessoas surdas 56, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76

Poesia oral 56, 59, 60, 62, 64, 66

Prosa regionalista 110, 111, 112, 113, 116

Psicossociologia 84, 102

R

Reflexividade 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

S

Sentido común 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37

Slam surdo 59, 60, 62, 64

Sociología 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 179, 208, 210

Subjetividade 1, 6, 7, 11, 16, 19, 20, 25, 45, 46, 47, 48, 153, 156

Suicídio 105, 106, 107, 109

V

Vivência 13, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 80, 130, 224

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022